

A NOVA GEOGRAFIA*

Jodenir Calixto TEIXEIRA**

A ciência geográfica passou por várias transformações ao longo de sua história. A Nova Geografia e a Geografia Crítica surgidas neste século ilustram as modificações ocorridas.

No entanto, essa ciência ainda necessita de reformulações, principalmente no que se refere à integração pesquisa-ensino e na prática de uma ciência que vá ao encontro dos reais anseios das sociedades.

Palavras-chave: Nova geografia; Geografia crítica; Transformações.

A prática da Geografia é bastante antiga, sua origem remonta à antiguidade clássica, especificamente, ao pensamento grego. No entanto, esse conhecimento não era sistematizado e, assim, estava disperso e era bastante diversificado.

O progresso da cartografia e as descobertas marítimas estimularam o seu desenvolvimento entre os séculos XVI e XVII (Claval, 1982). Mas é somente no século XIX que Humboldt e Ritter fixam os seus fundamentos e tornam-na uma ciência moderna.

Do século XIX até hoje, esta ciência passou por profundas transformações, principalmente neste século XX. A partir do fim do século XIX, a Geografia deu ênfase ao estudo das relações entre o homem e o meio natural. O Determinismo Ambiental e o Possibilismo Geográfico são exemplos, abordando a questão sob ângulos diferentes.

Para Claval (1.982,p.7), "*as relações entre o meio e os seres vivos variam, e os grupos humanos aumentam, pela ordenação do território*". Cada área ou região tem sua própria originalidade. Para esse autor, o real é complexo e só a aproximação científica é incapaz de interpretá-lo, sendo necessário também a arte.

A Geografia Regional de Paul Vidal de La Blache, traz contido em seu conteúdo não só uma disciplina científica, mas uma forma de humanismo, uma análise da ação humana (Claval, 1.982).

A Geografia, dentro dessa perspectiva, traz à tona a discussão ecológica, mas não traz soluções práticas para a questão ambiental.

Para este autor, a renovação não foi obra só de geógrafos, mas também de sociólogos, economistas, etnólogos e urbanistas. Também, essa renovação já teria se iniciado antes mesmo da 2ª Guerra Mundial, em alguns setores, toma-se o exemplo de Walter Christaller, que trabalhou a teoria dos lugares centrais, onde procurava provar que o princípio da ordem espacial não é unicamente provocada pelas influências recíprocas entre o homem e o meio. Os fenômenos econômicos e sociais têm um papel essencial.

Mas, foi a partir da 2ª Guerra Mundial que a renovação ocorre de maneira mais concreta. Verifica-se, nessa fase, uma reestruturação geo-política mundial. Conforme Corrêa (1.995), o Capitalismo entra numa nova fase de expansão, que coincide com a queda dos impérios coloniais, sobretudo a partir dos anos 60. Essa expansão traz conseqüências negativas para as formas espaciais criadas pelo homem.

* Texto elaborado como atividade avaliativa da disciplina ESPAÇO, REGIÃO E REGIONALIZAÇÃO, ministrada pelo Prof. Dr. Dalton Aureo Moro, no ano de 1998.

** Mestrando no Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

A crise da Geografia Tradicional enseja a busca de novos caminhos. Era necessário buscar novamente o significado da Geografia e o seu objeto. Argumenta-se que a Geografia Tradicional era inoperante como instrumento de intervenção na realidade.

As transformações promovidas pelo capital nas formas criadas pelo homem, faz com que haja um novo enfoque nos estudos locacionais. Para Corrêa (1.995), a Geografia que surge tem um novo papel ideológico. É preciso buscar novas técnicas e nova linguagem, que dê conta das novas tarefas impostas pelas transformações ocorridas.

A nova Geografia nasce na Suécia, na Inglaterra e nos E.U.A, onde, nesse último, apresenta-se como uma crítica à Geografia Hartshoriana, como difusão do sistema de planejamento do Estado Capitalista e uma neutralidade científica.

A Nova Geografia passa a usar técnicas da Estatística, da Matemática, da Geometria, se tornando cada vez mais teórica. Para essa nova abordagem, o avanço da Estatística e da computação propiciam a explicação geográfica.

A Nova Geografia aborda a questão regional sob um novo enfoque, rompendo com Determinismo e com o Possibilismo. Cada localização é um caso particular de classificação, possuindo potencialidades diferentes, de acordo com a ótica do capital. "*Desenvolve nesse "clima", o conceito de organização espacial resultante de decisões locacionais*"(Corrêa, 1.995 p.19).

Na realidade, a Nova Geografia ou Geografia Teorética ou Quantitativa, representou uma continuidade da Geografia Tradicional. Conforme Claval (1.982), ela não conseguiu resolver os problemas relativos ao ordenamento espacial do mundo e, sim, apresentou dificuldades em passar da explicação e da previsão para o estabelecimento de normas de ação.

A GEOGRAFIA NO FINAL DO SÉCULO XX

A partir da década de 70, a Nova Geografia e os paradigmas tradicionais são submetidos a severas críticas por geógrafos que passam a adotar a chamada Geografia Crítica, Radical ou Marxista. Percebe-se que a Geografia aplicada até então, não respondia aos anseios da sociedade e se comportava pacificamente frente aos problemas sociais, econômicos e ambientais que se agravaram após a 2ª Guerra Mundial.

"No caso do Brasil, a Geografia Crítica nasce no final da década de 70, cujo marco foi o 3º Encontro Nacional da Geógrafos, realizado em julho de 1.978 em Fortaleza-CE, sob os auspícios da Associação dos Geógrafos Brasileiros." (Corrêa, 1.995, p.20).

Com essa nova abordagem geográfica, a relação homem e meio é analisada sob o enfoque marxista. Procura-se ir além da simples descrição, e analisar a ação do homem sobre o meio dentro de um processo histórico.

Moraes (1.997), ressalta que pensavam o saber como arma no processo social, como instrumento de libertação do homem na luta pela sociedade mais justa.

Os autores dessa linha vão analisar as causas da crise. A renovação geográfica passa a ser pensada em termos de teoria e prática, no sentido de que não basta explicar o mundo, pois cumpre transformá-lo. Assim, "*os autores da Geografia Crítica vão fazer uma avaliação profunda das razões da crise...vão além de um questionamento puramente acadêmico do pensamento tradicional, buscando as suas raízes sociais*"(Moraes, 1.997 p.113).

Observa-se, porém, que há uma separação entre o saber científico e o saber transmitido nas escolas. Lacoste (1.989) fala de uma Geografia dos professores e de uma Geografia dos Estados-maiores.

Apesar de toda transformação aparentemente promovida pela chamada Geografia Crítica, nas últimas décadas, esta dificilmente sai dos limites universitários. O saber ensinado, principalmente em nível de ensino fundamental e médio, não permite aos jovens sequer entender o mundo, quanto mais transformá-lo.

Oliveira (1.991, p.27) afirma que *“o momento atual vivido pela Geografia é, portanto, um momento de embate teórico-metodológico e prático realizado em três frentes: entre a New Geography e a Geografia Tradicional de um lado, entre a Geografia Crítica e a Geografia Tradicional de outro, e ainda, e cada vez mais intensamente entre a New Geography e a Geografia Crítica”*.

Mas, conforme esse mesmo autor ressalta, na prática, hoje não há condições de se afirmar que a hegemonia é desta ou daquela corrente.

Temos que concordar com Oliveira (1.991), quando afirma que os professores (principalmente nos ensinamentos a nível fundamental e médio) estão envolvidos num processo dialético de dominação. Apenas repetem, professores e alunos, o que é ensinado e não refletem sobre o conteúdo.

Será que o momento atual representa a crise da Geografia Crítica? Como será o início do próximo milênio no que tange ao ensino geográfico? Com certeza, os esforços pela renovação da Geografia devem continuar e, talvez, conforme afirma Silva (1.997 p.2), *“caminheemos em direção a um futuro onde tenhamos uma Geografia mais humana, contrária a desumanização do homem”*.

Referências Bibliográficas

- CLAVAL, P. A nova geografia. Coimbra: Almedina, 1.982.
- CORRÊA, R. L. Região e organização espacial. São Paulo: Ática, 1.995.
- LACOSTE, Yves. Geografia, isso serve em 1º lugar para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1.989.
- MORAES, A. C. R. Geografia, pequena história crítica. São Paulo, 15. Ed., São Paulo: Hucitec, 1.997.
- OLIVEIRA, A. U. (Org.). Para onde vai o ensino da geografia? São Paulo: Contexto, 1.991.
- SILVA, A. C. Espaço, tempo e geografia no fim do milênio. (Inédito).